



GONÇALO MORAIS CONVERSA COM **ANTÓNIO MEGA FERREIRA e FRANCISCO DOMINGUES**



GONÇALO MORAIS
Instituto Superior
Engenharia, Lisboa
gmorais@adm.isel.pt

As conversas que vamos mantendo neste espaço têm sido sempre na primeira pessoa. Procuramos encontrar quem, na nossa opinião, tenha uma obra notável ou uma visão que marque o nosso tempo, colocamos questões, recebemos respostas. Nessas respostas procuramos as marcas dessa visão ou do notável da obra. Nesta conversa nada será como antes. Não temos um entrevistado, mas dois. Embora falem na primeira pessoa, falam não sobre eles mas sobre alguém que eu nunca conheci em vida. A morte enaltece as virtudes e apaga os defeitos. Sabemos isso. Tanto eu como as pessoas com quem falámos, António Mega Ferreira, que dispensa apresentações, e Francisco Domingues, Professor Catedrático na Faculdade de Letras, especialista em História da Náutica. O tema da nossa conversa foi o tema central deste número da *Gazeta*: Luís Albuquerque. Para o futuro, fica o registo das memórias dos nossos interlocutores.

Encontrei-me com **António Mega Ferreira** na sede da Orquestra Metropolitana de Lisboa, num fugaz momento entre os seus muitos afazeres.

MEGA FERREIRA Tive contacto com o Professor Albuquerque na Comissão dos Descobrimentos. Creio que ele era presidente da Comissão Científica. Antes disso, já tinha obviamente ouvido falar dele, mas não o conhecia pessoalmente. Depois, quando passei para a Comissão de Promoção da Expo'98, o nosso contacto passou a ser mais esporádico. Apesar da curta duração do nosso contacto, este foi sempre muito cordial e amistoso. O Professor Albuquerque tinha algumas características pessoais que me

são particularmente simpáticas: era divertido, gostava de viver, bebia bastante, comia muito bem e quando nos sentávamos à mesa para almoçar não falava de trabalho. Isto são vantagens decisivas para o contacto social. Era igualmente uma pessoa muito aberta e generosa.

Apesar de ele não ter pertencido à Comissão Executiva, era uma pessoa muito considerada, em particular pelo Comissário Geral, Vasco Graça Moura, que para com ele tinha uma relação muito amistosa e deferente. Lembrou-me muitas vezes desse lado lúdico que ele tinha, algo epicurista talvez, para uma pessoa que já tinha tido todo o género de problemas cardíacos, continuava a usufruir dos prazeres de comer bem e beber bem.



GONÇALO Essa imagem choca com a imagem que nós temos de um Professor Catedrático desse tempo...

MEGA FERREIRA Mas o Professor Albuquerque era um senhor, um senhor no sentido antigo da palavra. Ele tinha uma capacidade notável de gozar consigo mesmo, que é próprio das pessoas superiormente inteligentes. Só quem é muito seguro de si, não só cientificamente mas também socialmente, é que pode dar-se ao luxo de gozar consigo próprio. Foi ele que me contou uma história em que entram ele e o Vitorino Magalhães Godinho. Tendo sido eu secretário de Estado do Professor Magalhães Godinho quando este foi ministro da Educação posso dizer que *se non è vero, è ben trovato*. Estavam então eles os dois num congresso científico (ou qualquer coisa do tipo), o Professor Albuquerque sobe à tribuna e faz a sua apresentação. A mesa estava a ser presidida pelo Professor Magalhães Godinho e ao lado dele era o lugar do Professor Albuquerque. Quando este volta para o seu lugar pergunta ao Professor Magalhães Godinho – “Então, que tal foi?” – ao que o outro replica – “Olhe, não esperava tanto!” O Professor Albuquerque contava isto à gargalhada, o que demonstra a capacidade que ele tinha de autoironia, digamos assim. Se tivesse de resumir, seria: era um homem seríssimo que não se levava demasiado a sério.

GONÇALO Quando li alguns dos textos historiográficos do Professor Albuquerque, um dos pontos que mais me surpreenderam foi perceber que a sua escrita era, de facto, a de um historiador e não a de um matemático que escreve História...

MEGA FERREIRA Claro que sim! E só isso pode explicar o imenso respeito que as pessoas nutriam por ele, por exemplo o Professor Magalhães Godinho. Ele vestia a pele do historiador com a enorme vantagem de ser um homem que tocava diversos instrumentos, tinha a capacidade de estabelecer relações que nem sempre estão ao alcance do historiador puro. E depois tinha esta coisa muito divertida: você estava ali com umas pessoas com um ar pesado, da História, dos Descobrimentos, sorumbáticos, e depois aparecia aquele vulto risonho que dizia umas coisas e o ar ficava leve. Quando era a sério, era mesmo a sério, com muita autoridade, muito respeitado...

GONÇALO Lembra-se de algum desses momentos mais sérios?

MEGA FERREIRA Não quero recordar... por colocar em causa outras pessoas. Digo-lhe apenas que era decisivo e certo, mas sempre com elegância. Repare que é das pessoas de quem guardo melhores recordações.

Francisco Domingues recebeu-me em sua casa. Durante a entrevista sentia a necessidade constante de procurar livros que fundamentassem o que dizia. Por vezes, o olhar perdia-se para longe, a voz emocionava-se. Olhava novamente para as estantes, sempre à procura de mais um livro. Não encontrando o que procurava, recompunha a voz e prosseguia.

GONÇALO Como é que chegou a Luís Albuquerque?

FRANCISCO DOMINGUES Bem, eu tenho uma licenciatura em História, que acabei em 1981. Tinha na altura algum interesse por matérias que hoje se chamam História da Ciência. Fui dar aulas para o ISCTE logo a seguir e, nesse ano, o Luís Albuquerque deu um seminário sobre História do Renascimento na Faculdade de Letras. Tudo isto coincidiu com o primeiro ano em que ele deu aulas lá. Ele já tinha dado um seminário sobre a História dos Descobrimentos no curso de mestrado da Universidade Nova durante dois anos. Curiosamente, só no último ano em que ele deu aulas é que voltou para a Universidade de Coimbra, onde lecionou na Faculdade de Letras.

É neste momento então, depois de ter terminado a licenciatura e antes de começar o mestrado, que eu começo a frequentar esse mesmo seminário na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nessa altura, um editor lançou o repto de fazermos um Dicionário da História da Expansão Portuguesa para jovens. Por vários motivos, talvez por ser mais velho do que os meus colegas, eu fiquei uma espécie de braço direito dele. Esse dicionário que era para ser produzido num ano e para ser editado num volume com 100 artigos, demorou 12 anos, foi editado em dois volumes e com um total de 1100 artigos. Aca-

bou por sair em 1994, já depois da morte dele, tendo eu de o acabar sozinho. Isto propiciou que, durante todos estes anos, estivéssemos muito próximos.

Eu dava aulas de História Contemporânea e não tinha muita folga na escolha das matérias que tinha de lecionar. Fui aproveitando a presença do Luís Albuquerque para continuar ligado à História dos Descobrimentos que era, de facto, a área de que eu gostava. A partir de 1983, ele começou a levar-me para os congressos de História da Náutica e foram sempre aparecendo projetos comuns, tendo inclusive editado em conjunto um ou dois livros.

Aquando da morte dele, senti necessidade de, em conjunto com outras pessoas, bem entendido, continuar o legado do Luís Albuquerque numa componente que me parece fundamental, que é a História da Náutica dentro da História das Navegações Portuguesas. Quando refiro História da Náutica, pretendo dizer história da técnica e não da arte ou da ciência, que é claramente o aspecto de maior projeção que os Descobrimentos deixam. Se virmos bem as coisas, até ao aparecimento do GPS, os marinheiros usavam a mesma técnica de navegação desde o tempo do Infante D. Henrique. A grande revolução da técnica é de facto o GPS. De resto, é tudo igual: olhar para as estrelas e, com instrumentos mais ou menos sofisticados, tentarmos perceber a nossa posição. Este, aliás, é um legado reconhecido internacionalmente. Porque temos de ser frios na análise que fazemos destas coisas. Como portugueses, temos uma visão distorcida acerca dos Descobrimentos. Para a maior parte das pessoas, os Descobrimentos resumem-se ao Colombo e o resto é tudo acessório. Chegamos a Badajoz e ninguém sabe quem é o Vasco da Gama.



GONÇALO Ou seja, a obra de Luís Albuquerque é algo que marca internacionalmente...

FRANCISCO DOMINGUES Vamos colocar as coisas de outra forma. Tirando aspectos mais locais da História, como o período do Marquês de Pombal, os únicos historiadores portugueses que têm um reconhecimento internacional são o Armando Cortesão, com o seu trabalho na História da Cartografia Náutica, e o Luís Albuquerque. Julgo que fomos bem-sucedidos na continuação deste legado, visto que, hoje, a História da Náutica tem, em Portugal, uma pujança que não tem em mais sítio nenhum. Na Faculdade de Letras, temos dois doutores em História da Náutica que é algo que eu não conheço em mais lugar nenhum da Europa. São saberes de nicho cuja preservação é essencial e para a qual o Luís Albuquerque teve um contributo fundamental.

Para dar uma ideia. Existe uma sociedade americana de historiadores chamada American Historical Association. É a maior associação de historiadores do mundo, com mais de 4000 associados. Eles, quase todos os anos, elegem um sócio honorário e ao fim de 101 anos de existência tinham elegido 75. O septuagésimo segundo foi ele, que, tirando duas ou três recensões críticas, nunca escreveu em inglês. Digo muitas vezes aos meus alunos que nunca haverá a possibilidade de um historiador português chegar a este nível.

GONÇALO Aproveitando as palavras de Mega Ferreira...

FRANCISCO DOMINGUES Com quem nós iniciámos a realização do Dicionário dos Descobrimentos...

GONÇALO Classificou Luís Albuquerque como sendo um homem seríssimo, mas que não se levava demasiado a sério...

FRANCISCO DOMINGUES É precisamente isso. Deixe-me procurar um livro... Aqui está, Luís Filipe Thomaz, o homem que sabe mais da expansão portuguesa, sobrinho-neto do Américo Thomaz, uma pessoa com um saber enorme. Fala umas 20 línguas. Ouça o que ele escreve na dedicatória do seu livro *De Ceuta a Timor*:

“À memória de Luís Mendonça de Albuquerque, que sendo Professor Catedrático não se reputava um deus, e reputando-se ateu foi, talvez sem saber, um exemplo para muitos de veras virtudes cristãs; em cuja morte

choramos a perda de um amigo neste mundo, e este mundo a de uma rara abencerragem de espécie quiçá em extinção.”

Ouçã, até me emociona falar disto, ao mesmo tempo que não quero parecer exagerado. Sabe, o Luís Albuquerque era uma pessoa diferente. Lembro-me, por exemplo, que ele foi chamado à atenção por, em Coimbra, ir comer (quando não ia cozinhar) para as Repúblicas com os alunos. Quando toda a gente ia de fato e gravata para a Faculdade de Letras, ele ia em mangas de camisa, percebe? Ele era completamente diferente daquilo que se encontrava, e que ainda hoje se encontra, no mundo académico. Ao mesmo tempo, ele era uma pessoa capaz de fazer pontes e, apesar de ter sido sempre um homem de esquerda, em vários momentos apadrinhou várias candidaturas de pessoas de direita para cargos na Universidade de Coimbra. Era um homem muito diferente do habitual.

GONÇALO Deixe-me ler uma passagem do livro *Ciência e Experiência nos Descobrimentos Portugueses*:

“Duarte Pacheco Pereira é, pois, um homem de transição. Mas o pensamento humano estava, como ele revela, em ebulição, e a linha limitadora seria ultrapassada. As obras dos grandes nomes da Antiguidade (Ptolomeu, Plínio, Dioscórides, etc.), iam ser revistas à luz da observação, da prática e da experiência que através das navegações se faziam; mau grado a atitude dos Humanistas, a ciência ia ser construída através desses meios mais férteis para o conhecimento da realidade e não pela repetição de afirmações axiomáticas que nos livros desses sábios se continham.”

Esta passagem é apenas uma de muitas passagens que poderia referir. O que nela mais me fascina é a capacidade que Luís Albuquerque tem para perceber a contradição histórica, ou seja, para perceber que, dentro de um determinado momento histórico, a História está a ser escrita nesse preciso momento... E isto parece-me tão difícil...

FRANCISCO DOMINGUES É difícil para todos! Sabe, é possível para uma pessoa começar a ler uns quantos livros de História e tornar-se historiador. Mas existe uma fronteira ténue que é decisiva, essa precisamente que referia, entre ser um colecionador de factos ou pensar que a História é aquilo que eu penso e ser de facto um historiador, que é muito difícil de alcançar. Saber pensar a História é extraordinariamente difícil.

GONÇALO Não lhe parece que para conseguir fazer este percurso, uma pessoa tem necessariamente de ser um marginal dentro desta estrutura?

FRANCISCO DOMINGUES Nunca tinha visto as coisas assim, mas se calhar essa é mesmo a melhor definição. Após a morte de uma pessoa, temos sempre de ter cuidado quando nos referimos a ela. No caso do Luís Albuquerque, não. Ele era mesmo especial. Mesmo nos momentos em que era cortante, era-o a rir, com elegância. Ele era reverenciado. Tenho um exemplo para perceber que não estou a exagerar. Num congresso ao qual fomos, havia um dia que tinha um passeio ao qual não nos apetecia ir. Passei pelo quarto dele, bati à porta e, quando en-

tro, estava um tipo que era catedrático da Sorbonne com um bloco na mão, a ouvi-lo e a tirar notas. Percebe o que quero dizer?

A figura magistral de Luís Albuquerque permanece intocada em todos os que com ele privaram. Deixo-vos com as palavras que, sobre ele, Manuel de Oliveira Pulquério escreveu:

"A imagem que guardo deste notável professor da Universidade de Coimbra é a de um homem simples, que fez grandes coisas com a naturalidade dos espíritos superiores, que trabalham como se se limitassem a cumprir a simples obrigação de serem grandes."



LOJA
spm

Consulte o catálogo e faça a sua encomenda online em www.spm.pt